



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS V

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MATHEUS MONTENEGRO CARNEIRO

**A CRISE NA CRIMEIA E A ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA RUSSA
APLICADA NA REGIÃO ENTRE 2014 E 2016**

JOÃO PESSOA

2017

MATHEUS MONTENEGRO CARNEIRO

**A CRISE NA CRIMEIA E A ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA RUSSA
APLICADA NA REGIÃO ENTRE 2014 E 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite

JOÃO PESSOA

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C289c Carneiro, Matheus Montenegro.
A crise na Crimeia e a estratégia de política externa russa aplicada na região entre 2014 e 2016 [manuscrito] : / Matheus Montenegro Carneiro. - 2017.
45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Alexandre César Cunha Leite, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Crimeia. 2. Rússia. 3. Ucrânia. 4. Política externa Russa.

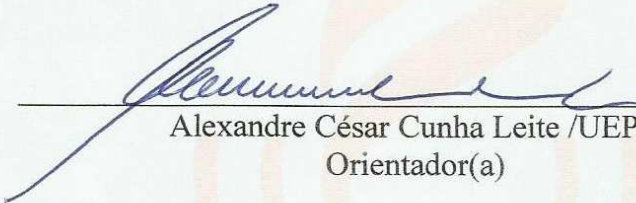
21. ed. CDD 327.47

MATHEUS MONTENEGRO CARNEIRO

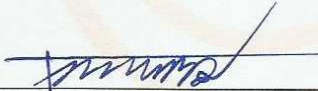
CRISE NA CRIMEIA E A ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA RUSSA APLICADA NA
REGIÃO ENTRE 2014 E 2016

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

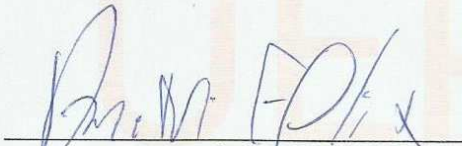
Aprovado(a) em 15 / 12 / 2017.



Alexandre César Cunha Leite /UEPB
Orientador(a)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre /UEPB
Examinador(a)



Dmitri Félix do Nascimento /UEPB
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e forças para perseverar em meio em todas as adversidades.

Agradeço a toda a equipe de professores do curso de Relações Internacionais da UEPB por me proporcionar todo o aprendizado que obtive. Sempre me lembrarei de todos vocês.

Agradeço, em especial, ao meu professor orientador, Alexandre César Cunha Leite, por sempre estar disponível a me orientar e ajudar durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço à minha família pelo incentivo e apoio dado para que pudesse concluir mais esta etapa.

Agradeço a minha noiva, Amanda Domingos, por ter suportado ao meu lado as adversidades, estresses, desânimos e por ter estado comigo nas minhas vitórias, alegrias e projetos durante todos esses anos da graduação, sempre me compreendendo e incentivando.

Agradeço aos meus amigos, Késsio Lemos, Andresa Carrilho, Ana Cristina Fonseca e Paulo César Gomes pela amizade, companheirismo, cooperação e incentivo durante esses anos que estudamos juntos. Vocês foram fundamentais para minha perseverança e conclusão.

Agradeço a Pamela Souza, minha amiga, pela ajuda dada com as correções deste trabalho e pela preocupação comigo durante esses anos, mostrando ser uma ótima amiga.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	UCRÂNIA: FATORES INTERNOS E EXTERNOS QUE LEVARAM A CRISE NA CRIMEIA.....	13
1.1	A CRISE NA CRIMEIA.....	20
2	A ESTRATÉGIA DA POLÍTICA EXTERNA RUSSA DURANTE A CRISE NA CRIMEIA.....	28
2.1	ANEXAÇÃO DA CRIMEIA PELA RÚSSIA: MOTIVOS E JUSTIFICATIVAS DA RÚSSIA.....	30
2.2	OBJETIVOS DA RÚSSIA COM A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA: ASPECTO ENERGÉTICO, ECONÔMICO E DA SEGURANÇA.....	33
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	43

RESUMO

A crise na península da Crimeia no ano de 2014 foi um marco fundamental para a compreensão da estratégia da política externa russa para a região. Muito além da defesa dos interesses dos concidadãos russos e russófonos da região, o valorético, energético, econômico e de segurança da Crimeia são os aspectos relevantes para o posicionamento russo de anexação da península. O objetivo deste trabalho é analisar a política externa russa na região, considerando o histórico da Ucrânia e suas relações econômicas e energéticas com a Rússia e o momento deste país no período da anexação. A resposta do Ocidente, liderado por Estados Unidos e União Europeia, à anexação russa da Crimeia foi rápida, envolvendo cortes de investimentos, congelamento de fundos no exterior e fuga de capital, além de mobilização militar da OTAN. A metodologia empregada foi de pesquisa bibliográfica, tendo como resultado a identificação da estratégia russa envolvendo os âmbitos energético, econômico e de segurança.

Palavras-chave: Crimeia. Rússia. Ucrânia.

ABSTRACT

The crisis on the Crimean peninsula in 2014 was a key milestone in understanding the Russian foreign policy strategy for the region. Far beyond defending the interests of Russian and Russian-speaking fellow citizens in the region, the ethnic, energy, economic and security value of the Crimea are the relevant aspects for the Russian positioning of annexation of the peninsula. The purpose of this paper is to analyze the Russian foreign policy in the region, considering the history of Ukraine and its economic and energy relations with Russia and the moment of this country in the period of annexation. The West's response, led by the United States and the European Union, to the Russian annexation of the Crimea was swift, involving investment cuts, freezing of funds abroad and capital flight, as well as NATO military mobilization. The methodology employed was a bibliographical research, resulting in the identification of the Russian strategy involving the energy, economic and security spheres.

Keywords: Crimea, Russia, Ukraine.

INTRODUÇÃO

Desde a sua independência em 24 de agosto de 1991, a Ucrânia tem buscado mais autonomia por meio do fomento da sua economia através de acordos internacionais que possibilitem o crescimento do país. Durante as décadas seguintes a sua independência, os diferentes governantes da Ucrânia firmaram acordos entre a Rússia, União Europeia e demais países europeus, mesmo estes (Rússia e União Europeia) tendo um histórico de rivalidade política e econômica advindos da recém findada Guerra Fria.

Estes acordos firmados pela Ucrânia, ora com a Rússia, ora com a União Europeia, não concretizaram as promessas de crescimento para o país e sua população, beneficiando diversas vezes as elites dominantes. A questão eleitoral e a corrupção que a permeia são pontos importantes na análise. Nesse contexto, ocorreu a chamada Revolução Laranja¹ após as eleições de 31 de outubro do ano de 2004. Os protestos dessa revolução duraram até meados de janeiro de 2005, sendo caracterizada como uma reação da população contra a corrupção eleitoral existente na Ucrânia. Após os protestos, o superior tribunal da Ucrânia considerou ilegal a referida eleição realizada em outubro de 2004, agendando outra para dezembro do mesmo ano, a qual deu vitória ao candidato Viktor Yushchenko no dia 23 de janeiro de 2005, sobre o candidato Viktor Yanukovich.

Nas eleições de 2010, Yanukovich candidatou-se mais uma vez ao cargo de presidente da república e obteve vitória tornando-se o chefe máximo do país. Esperava-se de Yanukovich a continuidade ao processo de adesão do Acordo de Associação Ucrânia-UE², acordo iniciado com a União Europeia para adesão do país ao bloco europeu desde 2012. Contudo, Yanukovich não só se recusou a seguir adiante com o acordo, como firmou outro com a Rússia em dezembro de 2013, que traria mais benefícios financeiros para a Ucrânia, sendo transferido da Rússia para a Ucrânia o valor de 15 bilhões de dólares em pacotes, sendo que o primeiro deles foi repassado no dia 24 de dezembro de 2013. Neste ínterim, a população do oeste e norte da Ucrânia discordaram da manobra política de Yanukovich e fizeram um protesto popular na praça de Maidan, em Kiev, para que o presidente Yanukovich voltasse atrás em sua decisão. A manifestação evoluiu tornando-se violenta e gerou conflito entre as

¹A Revolução Laranja recebeu este nome devido aos manifestantes vestirem-se com roupas cor de laranja, um dos símbolos do partido que Viktor Yushchenko pertencia.

² O Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia foi firmado com o objetivo de estreitar os laços econômicos e políticos entre o bloco europeu e a Ucrânia. Para mais detalhes, consulte <http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2016/november/tradoc_155103.pdf>.

forças do governo e os manifestantes, culminando na deposição do presidente Yanukovich, que por sua vez buscou refúgio na Rússia. (MENON, RUMER, 2015).

Enquanto isso, a população das províncias do leste e sul da Ucrânia, mais especificamente a Crimeia, Donetsk e Luhansk, de maioria étnica russa ou russófonos³, tendo apoio externo de governo russo, foram contra a decisão de *impeachment* do presidente Yanukovich, acusando os revoltosos de tentarem derrubar o governo eleito, ao passo que os revoltosos de Maidan juntamente com a posição dos países europeus viam a saída de Yanukovich como uma vitória sobre um governo corrupto. (MENON, RUMER, 2015).

Na figura 1 é mostrado o mapa da Ucrânia com o nome de algumas províncias em cujo percentual da população fala russo. As províncias da Crimeia, Luhansk e Donetsk, as quais são importantes para a construção deste trabalho.

Figura 1: Mapa da Ucrânia e o percentual da população que fala russo por província.



*Anexada pela Rússia em 18 de março

Fonte: ESTADÃO Internacional. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,ucrania-pede-a-onu-que-envie-tropas-das-forcas-de-paz-para-o-leste-do-pais,1153538>

³ Pessoas que falam o idioma russo.

A partir deste ponto inicia o trabalho de análise da política externa russa em relação aos seus interesses em anexar, após a situação relatada acima, a região da Crimeia e os seus interesses frente à Ucrânia nesse acontecimento.

O trabalho apresenta uma estrutura de dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo será abordado o contexto ucraniano anterior à deposição do presidente Yanukovich em 2014, seguindo pela narrativa da anexação da Crimeia, levando em conta o conflito no leste do país e as sanções do Ocidente em relação a Rússia. O segundo capítulo irá abordar a política externa russa no período dentro do âmbito energético, econômico e de segurança, os interesses na adesão da Crimeia, as medidas adotadas contra a Ucrânia e União Europeia após as sanções e os diálogos políticos entre os representantes até então.

O problema de pesquisa é evidenciado na seguinte pergunta: como se desenvolve a política externa russa em relação à Ucrânia a partir da crise na Crimeia entre os anos de 2014 e 2016?

Em busca da(s) resposta(s) a esta pergunta, o objetivo principal deste trabalho é analisar a política externa russa em relação à Ucrânia a partir da Crise na Crimeia em 2014 e as reações frente as sanções da União Europeia e Estados Unidos, tendo como objetivos específicos, no primeiro capítulo, a explicação dos acontecimentos, incluindo fatores internos e externos, que desencadearam na crise da Crimeia em 2014, em seguida buscando analisar atuação política da Ucrânia e da União Europeia em manter a região da Crimeia como parte da Ucrânia.. No segundo capítulo, o objetivo é a análise dos interesses russos e da sua atuação para manter a Crimeia sob seu comando e como se deu sua contraposição com a União Europeia e Estados Unidos, tendo em vista que a Rússia busca manter os parceiros comerciais próximos, principalmente os países da ex-URSS que fazem fronteira com a Rússia, para se manter forte economicamente, usando para isso o que está ao seu alcance mesmo que a estratégia usada não seja vista pelo Ocidente como imperialismo ou uma tentativa de retomar o controle sobre esses países como era na época da URSS.

Este trabalho não tem por objetivo fazer uma análise pormenorizada do contexto social, econômico, político, étnico e cultural dos países envolvidos, nem da Crimeia. Também não é o objetivo deste trabalho ater-se aos aspectos dos acordos entre Ucrânia-UE e Ucrânia-Rússia. Por serem aspectos relevantes para a compreensão do contexto em que se deu a crise na

Crimeia, estes serão abordados de forma pontual, apenas para contextualizar a crise e a forma como se deu a anexação da Crimeia pela Rússia.

Este trabalho sustenta que a Rússia vem garantindo seus interesses na região da Crimeia por meio de uma política externa que envolve as frentes energética-econômica, militar e territorial. Energética-econômica porque faz uso do seu poder político sobre o fornecimento de gás e petróleo para a Ucrânia (e conseqüentemente para a União Europeia) que são essenciais para a economia do país. Militar, no aspecto da segurança, devido as pressões militares frente a Ucrânia. Territorial devido a anexação da Crimeia e manutenção da mesma, além da possibilidade de anexação de mais territórios.

A metodologia usada será a qualitativa, instrumentalizada por uma revisão de literatura e documental. O alcance é descritivo e exploratório entre os anos de 2014 e 2016 por meio de artigos científicos, livros, revistas e revisão de imprensa que apresentem informações e dados que quando usados servirão como acompanhamento comprobatório ou ilustrativo dos argumentos desenvolvidos e de informações apresentadas ao longo do texto. A metodologia também será bibliográfica, com análise de dados a partir de artigos científicos, imprensa e livros que trataram o assunto.

1 - UCRÂNIA: FATORES INTERNOS E EXTERNOS QUE LEVARAM A CRISE NA CRIMEIA

Para a compreensão de como se deu a crise na Crimeia é de fundamental importância levantar os fatores internos e externos da Ucrânia. Os fatores internos estão relacionados a dois eixos principais: 1) aspecto econômico, 2) divergências étnicas. No que concerne ao crescimento econômico, é preciso abordar de maneira breve o histórico econômico da Ucrânia e os legados que os governos ucranianos deixaram após a independência do país em 1991. Em relação à rivalidade étnica será abordado os motivos dela existir e em que isso influenciou na anexação da Crimeia. Após essa parte, será abordado os fatores externos, que consistem nos acordos Ucrânia-União Europeia e Ucrânia-Rússia, bem como os legados desses acordos e relações. O início da abordagem tratará dos aspectos internos e externos do país no decorrer dos governos presidenciais para seguir um raciocínio histórico. Logo após será abordada a questão étnica e por fim o desdobramento da crise na Crimeia seguido das sanções da União Europeia e Estados Unidos.

Em 24 de agosto de 1991 a Ucrânia passou a ser um Estado independente juntamente com outros países que faziam parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Como será abordado em seguida, após esse acontecimento, os governos que se seguiram no comando da Ucrânia buscaram ferramentas para superar a crise econômica que o país enfrentava, mesmo que para isso os governantes, ao longo do tempo, buscassem apoio de dois lados quase antagônicos, ou seja, ora buscando apoio e recursos da União Europeia, ora buscando apoio e recursos da Rússia. Os governantes ucranianos sabiam como usar a posição geográfica e política da Ucrânia a favor do país, considerando que a Guerra Fria havia acabado e tanto União Europeia como Estados Unidos tinham interesse em exercer mais influência sobre Estados que outrora eram dominados pela URSS, tanto para aumentarem sua zona de influência no mundo, como também para cercarem a Rússia e não deixá-la ter forte influência sobre os Estados recém formados da dissolução da URSS.

O primeiro presidente da Ucrânia, Leonid Kravchuk, cujo mandato ocorreu entre 1992 e 1994, teve como marco, durante seu governo, três pontos principais. O primeiro deles ocorreu

[...] em 1992, [quando] os presidentes da Rússia, Boris Yeltsin, e da Ucrânia, Leonid Kravchuk, assinaram um acordo no qual concordaram que nenhum dos dois países faria reclamações territoriais em relação ao outro. Com isto Moscou tacitamente entregou o controle da Crimeia a Kiev. (NOGGE e DONALDSON, 2005, p.188 apud ADAM, 2008, p.75).

Isso marcou oficialmente que a Rússia não iria intervir no território ucraniano.

O segundo ponto principal do governo Kravchuk foi o início das negociações sobre a entrada de Ucrânia ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que seria assinados no governo seguinte, de Leonid Kuchma. O início das negociações sobre a entrada da Ucrânia no TNP deu-se devido à pressão russa para que a Ucrânia devolvesse o arsenal nuclear da antiga URSS que estava em território ucraniano. O argumento russo foi de que a Ucrânia não tinha condições em termos de tecnologia e investimentos para manter esse armamento em seu território, e além disso havia o receio de que a Ucrânia usasse o arsenal contra os russos. Contudo, a prontidão do governo ucraniano e russo em aceitar os Estados Unidos como participante, produziram sucesso no processo de acordo dentre 1993 e 1994, em que no fim os interesses dos três lados convergiram para o sucesso diplomático da questão. (MENON, RUMER, 2015; PIFER, 2011).

O terceiro e último maior marco do governo de Kravchuk foi a organização de um exército nacional fora do regime militar soviético. Esses dois marcos foram importantes para consolidação da independência ucraniana. No âmbito interno a Ucrânia era assolada pela inflação que chegou a 10.000% em 1993 e uma retração econômica de 60% ao longo da década de 1990 (MENON, RUMER, 2015).

Balmaceda (1998) afirma que a maior parte da dívida energética da Ucrânia em relação à Rússia foi adquirida durante o governo Kravchuk devido à ausência de políticas econômicas bem definidas e a também a garantia do governo dada para empresas comprarem combustível. Com o fechamento de várias empresas, restou ao governo ucraniano arcar com as dívidas.

Com estas informações pode-se resumir que o mandato de Kravchuk buscou consolidar a independência da Ucrânia por meio de um elemento interno – a criação de um exército nacional ucraniano –, e dois fatores externos – a adesão ao TNP, que garantiu no âmbito do Direito Internacional a soberania da Ucrânia, e além disso o acordo entre Ucrânia e Rússia para não disputarem sobre territórios da antiga URSS. Contudo, a economia do país passava por uma crise voraz. Pode-se perceber que o primeiro governo ucraniano buscou apoio, em termos, nos países ocidentais, para escapar das pressões russas.

O segundo presidente ucraniano foi Leonid Kuchma, eleito em 1994. Kuchma conquistou maiores marcos para Ucrânia. No âmbito externo ele consolidou as negociações sobre a entrada da Ucrânia ao TNP, ao assinar juntamente com Estados Unidos, Reino Unido

e Rússia o acordo no qual a Ucrânia se comprometia a eliminar as suas armas nucleares dentro de determinado período, e em contrapartida os países signatários firmaram o

[...] compromisso com à Ucrânia de respeitar sua independência, a soberania e as fronteiras existentes no país [...], se absterem da ameaça ao uso da força contra a integridade territorial [e] prestar assistência à Ucrânia, se a mesma se tornar vítima de um ato de agressão nuclear. (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 1994).

Além disso, houve um acordo sobre a frota do Mar Negro, em que 82% dos navios passaram para o controle russo, enquanto a Rússia reconheceu o controle ucraniano sobre a cidade de Sevastopol (base naval russa), localizado na Crimeia (território ucraniano). No mais, em termos de marcos do governo Kuchma no âmbito externo, pode-se salientar o início de uma aproximação com a Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN) e com a União Europeia. Tal aproximação não foi suficiente para firmar a entrada da Ucrânia nos blocos, sendo deixada sua negociação para um momento futuro, pois as parcerias com a Rússia eram propostas melhores para o momento ucraniano de crise econômica e necessidade de recursos sem as contra partidas requeridas pela OTAN e União Europeia.(MENON, RUMER, 2015)

Em termos de marcos internos na Ucrânia durante o governo Kuchma, pode-se destacar que nacionalistas e separatistas da Crimeia foram marginalizados graças as políticas de não-violência implementadas durante os anos de 1995 e 1996 (KUZIO, 2006). Outro aspecto foi o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) ucraniano que pôde ser percebido com uma taxa de cerca de 8% durante os anos 2000 e 2004. Contudo, a corrupção do seu governo foi um marco negativo para o país, pois as privatizações eram concedidas aos grupos ricos da Ucrânia em troca de apoio político. Tal manobra gerou o endividamento do país, que não havia estabilizado sua economia. Com isso, o país tornava-se vulnerável à propostas russas que buscavam tornar a Ucrânia mais dependente da Rússia, em termos de parcerias. (MENON, RUMER, 2015).

No fim do governo Kuchma, no ano de 2004, ocorreram as eleições presidenciais. No segundo turno concorriam: Viktor Yushchenko, pelo partido Nossa Ucrânia – representado pela cor laranja – e Viktor Yanukovich, pelo Partido das Regiões – representado pela cor azul. Yushchenko obteve a maioria de votos dos eleitores de etnia ucraniana, predominantes no centro e no oeste do país; enquanto Yanukovich obteve maioria de votos dos eleitores de etnia russa e falantes do idioma russo, predominantes no sul e leste do país. (MENON, RUMER, 2015).

A Revolução Laranja, que ocorreu durante o período eleitoral na Ucrânia, foi um acontecimento no qual pôde-se observar, no mínimo, duas características básicas (fatores determinantes básicos): a insatisfação da população ucraniana com a corrupção do país, que impedia o seu crescimento econômico; e sua divisão étnica entre dois grandes grupos: 1) os do norte e oeste ucranianos, os quais possuem etnia e idioma ucranianos, e 2) os do sul e leste ucranianos, com origem étnica russa e uma parcela considerável da população falando russo. (MENON, RUMER, 2015).

O resultado do segundo turno deu vitória para o candidato Yanukovych. Porém, sob forte protesto por parte dos eleitores de Yushchenko (vestida de laranja) e acusação de corrupção e fraude nas eleições, o Supremo Tribunal da Ucrânia anulou o pleito e marcou um novo. Houve manifestação popular em Lviv (oeste ucraniano) com cerca de 100 mil pessoas e a Assembleia Regional de Lviv negou-se a reconhecer a vitória de Yanukovych. Essas manifestações ficaram conhecidas como Revolução Laranja. Durante os dias 26 e 30 de Novembro, 20 mil partidários de Yanukovych foram do leste à Kiev para se manifestarem, enquanto a Suprema Corte analisava as denúncias de corrupção eleitoral, que acabou por anular o resultado da eleição presidencial no dia 03 de Dezembro⁴. No novo pleito, o candidato Yushchenko obteve vitória, com 51,2% dos votos, frente ao candidato Yanukovych que obteve 44,2% dos votos (MENON e RUMER, 2015).

Para esse resultado o papel internacional também foi importante. Em 12 de Novembro de 2004 o presidente russo Vladimir Putin fez uma visita à Ucrânia, confirmou seu apoio a Yanukovych, e o parabenizou pela vitória eleitoral no primeiro turno das eleições, antes das manifestações. No dia 25 de Novembro de 2004 os Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha e União Europeia rejeitaram o resultado eleitoral, levando a Suprema Corte ucraniana a suspender a publicação dos resultados. (MENON e RUMER, 2015).

Eleito como o terceiro presidente da Ucrânia, Viktor Yushchenko buscou construir um consenso de uma clara política econômica. O Fundo Monetário Internacional (FMI) indicava a adoção de medidas impopulares para gerar na Ucrânia o crescimento econômico, contudo Yushchenko não quis adotar tais medidas. A crise financeira de 2008 atingiu de maneira forte a economia ucraniana, gerando aumento do desemprego, da inflação e retração do PIB. O que agravou mais a situação do país foi o esquema de corrupção presente em outros governos

⁴ Para mais detalhes dos acontecimentos da Revolução Laranja. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2004/12/25/ult34u113334.jhtm>>.

também estava presente no governo de Yushchenko. Vale salientar que Yushchenko tinha uma visão mais favorável a se unir com os países ocidentais, por causa disso a aproximação com o FMI. (ALT, 2015).

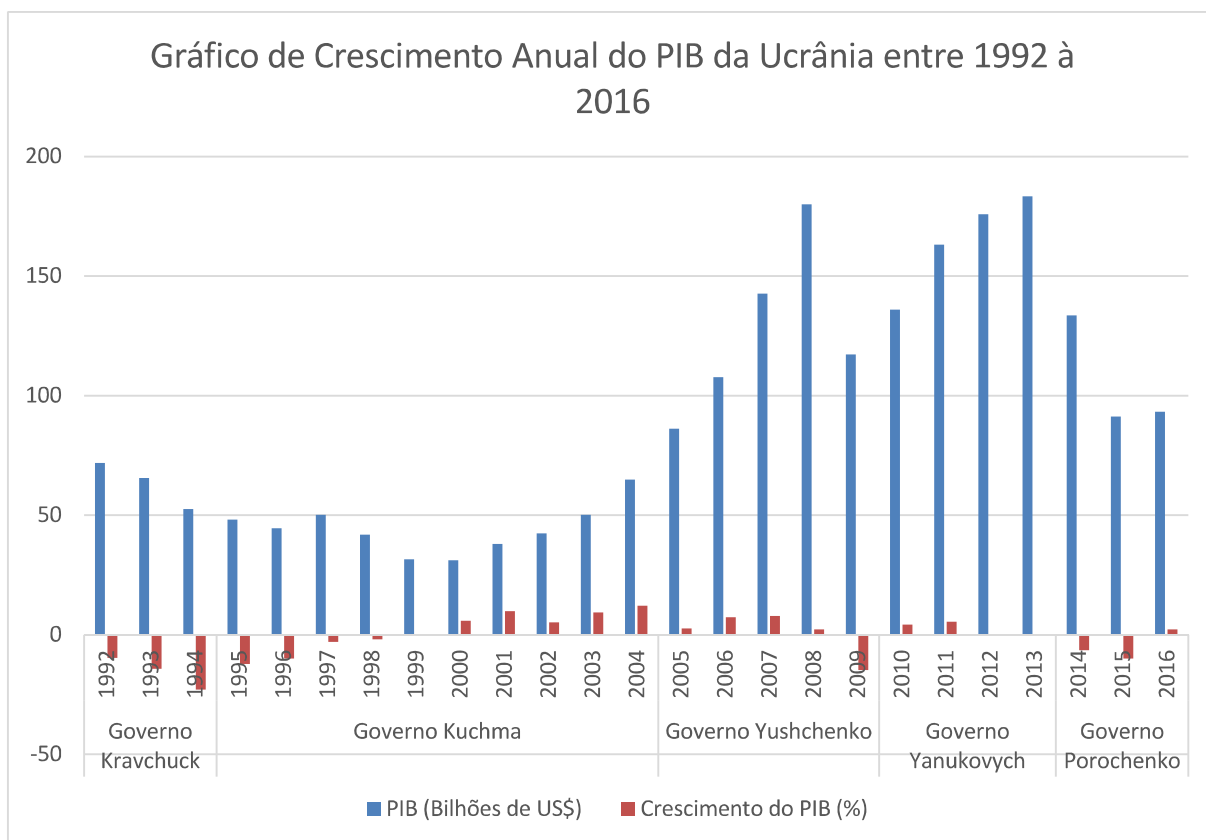
Yanukovych mantinha a clássica postura de barganhar com os dois vizinhos até que sua opção por abandonar as negociações de um acordo comercial com a UE e aderir a uma iniciativa econômica russa encontrou forte resistência da população. (MIELNICZUK, 2014).

Além do conhecimento a respeito dos legados presidenciais, um fator de destaque para a melhor compreensão da crise na Crimeia é a política energética entre Ucrânia e Rússia, levando em consideração a economia ucraniana.

Os problemas com a política energética, por sua vez, tiveram início em 2005 quando o preço do petróleo no mercado mundial teve aumento significativo e petroleiras ucranianas pressionaram para que o governo permitisse a elevação do valor do petróleo produzido na Ucrânia para exportação. Empresas foram, então, acusadas de manipulação de preços e, posteriormente, formação de cartel, levando o governo a fixar o teto abaixo do valor de mercado e proibir exportação do petróleo ucraniano (medidas apoiadas pela primeira-ministra Tymoshenko). Essas ações geraram escassez da *commodity* no país e retaliação de empresas russas, que recusavam-se a fornecer petróleo à Ucrânia (ALT, 2015).

Ainda sobre a política energética, em 2006 Ucrânia e Rússia não conseguiram chegar a um acordo sobre o preço do gás que passa pelas tubulações no território ucraniano. A questão girava em torno da dívida da Ucrânia para com a Rússia. Com isso os acordos empresariais entre a empresa ucraniana Naftohaz Ukrany e a russa Gazprom ficaram suspensos, gerando a falta do recurso energético na Ucrânia e, conseqüentemente, na Europa. O motivo do corte e do ajuste do preço estava relacionado com a forma de pagamento da dívida ucraniana com a Rússia. Explica-se da seguinte forma: em vez da Ucrânia pagar seus débitos em dólar, estes são pagos por meio de isenção de taxas que iria cobrar para que o gás passasse da Rússia para a Europa por seu território. Essa disputas ocorreram nos anos de 2006, 2009 e 2014. Informações mais detalhadas serão apresentadas no capítulo seguinte. (ALT, 2015).

Abaixo segue o gráfico que mostra o crescimento anual do Produto Interno Bruto da Ucrânia desde sua independência até o ano de 2016.



Fonte: Dados coletados do site do Banco Mundial (vide referências). Gráfico produzido pelo autor.

Pode-se perceber que a retração do PIB ucraniano é praticamente igual nos anos de 1992 e 2015. O melhor PIB dentro do período foi no ano de 2004 chegando a superávit de 12,1%, enquanto que o pior índice foi no ano de 2009 após a crise financeira de 2008, chegando a um déficit de 14,8%.

A seguir será abordado o aspecto que é de suma importância para a compreensão da crise na Crimeia, que é o aspecto é o étnico-linguístico.

Existem na Ucrânia algumas minorias étnicas. Dentre essas minorias, a etnia russa é a maior delas, chegando a ter percentuais consideráveis de habitantes. Essa população de etnia russa e de falantes do idioma russo concentram-se de maneira preponderante no sul e leste da Ucrânia, principalmente nas províncias da Crimeia, Donetsk, Luhansk, Dnipropetrovsk, Odessa e Kharkiv. (MARPLES, 2016).

Marples afirma que

em 2006-07, a pesquisa conduzida pelo centro de Razumkov revelou que a porcentagem de ucranianos que consideravam o russo como sua primeira língua foi de 25,7%, e que 52% da população considerada o ucraniano ser sua língua nativa (Lenta.ru, 2007) sendo a maioria delas russas. Um estudo mais recente sugere que cerca de 27,5 milhões de pessoas 'ativamente' usam a língua russa no trabalho e cerca de 37 milhões (ou 80% da população) tem fluência nela. Dez anos antes, o número tinha sido de 42 milhões. (AREFEV, 2013 *apud* MARPLES, 2016, p. 9)

Na outra parte geográfica da Ucrânia, o Centro, o Norte e o Oeste do país, estão localizados os que são de etnia ucraniana e que fala ucraniano majoritariamente. Esse contraste de culturas e linguagem acaba por se misturar com a visão política e sobre os interesses regionais e nacionais que a população possui, provocando assim uma dificuldade para haver uma unidade nacional, demonstrado inclusive nas campanhas eleitorais. Por um lado a população de etnia ucraniana tende a apoiar candidatos pró-União Europeia, devido aos temores da interferência russa no país. Por parte da etnia russa e falantes de russo a tendência é que eles apoiem candidatos pró-Rússia. (MARPLES, 2016).

Marples (2016) afirma que existe certo número de maneiras diferentes para interpretar os hábitos e votos na Ucrânia. O autor afirma existirem três tipos de interpretações diferentes. A primeira interpretação, adotada por é de que a Ucrânia deve se livrar de uma vez por todas dos laços que ligavam o país com a antiga URSS e iniciar um novo projeto de futuro trilhando o junto ao sistema democrático a aproximação com o Ocidente, levando a Ucrânia para fora da zona de influência russa. A segunda maneira de analisar os acontecimentos é por meio da visão dos analistas do Oeste, que possuem as mesmas raízes em termos de análise, em que a Ucrânia sofreu a derrubada de um presidente eleito legitimamente por meio de forças partidárias de direita, que conseguiram inflamar a população e derrubar o regime estabelecido.

Ainda há argumentos de que os ataques que ocorreram ao governo Yanukovych foram uma forma da população do oeste e norte ucranianos demonstrarem um ataque geral aos russos e falantes de russo na Ucrânia. Por esse motivo o Kremlin sentiu-se na obrigação de defende-los, usando da anexação e do apoio aos rebeldes de Donetsk e Luhansk. A terceira interpretação é em relação a formação do ucraniano após a queda de URSS. Embora tenha tido progressos mesmo sob dificuldades, a concepção ucraniana de nação não erabem definida. Com a expansão da União Europeia em 2004, o país passou ainda mais a ser um tipo de fronteira geopolítica entre Rússia e União Europeia. A Rússia buscava manter o antigo país

da URSS como aliado e parceiro por meio de acordos que por vezes tornavam a Ucrânia dependente do Estado russo, embora a ajuda russa fosse de grande valia para a Ucrânia. Contudo, os governos pró-ocidentais buscaram certa resistência a esses acordos com a Rússia, tentando aproximar a Ucrânia da União Europeia. A vitória eleitoral de Yanukovich em 2010 seguida pela Revolução Laranja causou grande preocupação no Kremlin, pois a perspectiva da Ucrânia finalmente tornar-se o parceiro russo estava sendo minada. Muito embora o autor afirme que a Ucrânia não possuía uma concepção clara em relação as disputas geopolíticas envolvendo União Europeia e Rússia. A corrupção ucraniana é a principal responsável para que o país se tornasse dependente energética e economicamente da Rússia. (MARPLES, 2016).

1.1 A CRISE NA CRIMEIA

Antes da sua anexação pela Rússia, a Crimeia recebeu quase toda a sua energia da Ucrânia continental. Para estabelecer o controle político efetivo da região, a Rússia precisava ter o controle energético da Crimeia. Esse controle foi obtido pela *nacionalização* da Chornomornaftogaz pelo parlamento da Crimeia em 2014, juntamente com todos os ativos energéticos, tanto *onshore* (em terra) como *offshore* (no mar). A empresa Chornomornaftogaz, estimada no valor de 1,2 bilhão de dólares e mais de 2 bilhões de metros cúbicos de armazenamento de gás natural na Crimeia, era de especial relevância para a Rússia. (RÜHLE; GRUBLIAUSKAS, 2015)

O presidente Yanukovich buscou centralizar o poder político e acabou por colocar a Ucrânia sob uma maior zona de influência da Rússia. Em abril de 2010, o presidente ucraniano Yanukovich e o então presidente russo Dmitri Medvedev assinaram um contrato de arrendamento da base naval de Sevastopol da Rússia por mais 25 anos a partir de 2017, em troca da redução de 30% do preço do gás russo. Além disso, o em outubro de 2010 o parlamento ucraniano optou por não aceitar as aspirações de adesão a OTAN. (RUTLAND, 2016)

Os acontecimentos posteriores à decisão do presidente ucraniano Viktor Yanukovich de voltar atrás em relação ao Acordo de Associação com a União Europeia (negociação que teve início em março de 2007, sendo iniciada, mas não assinada) geraram protestos nas ruas de Kiev onde as manifestações passaram a ser uma revolta popular. O ainda presidente Yanukovich repeliu os manifestantes, o que apenas aumentou as multidões de manifestantes

enfurecidos. Em 21 de fevereiro de 2014, por meio da mediação de emissários da União Europeia o acordo de paz entre o governo e os líderes da revolta foi assinado, salientando a formação de uma unidade nacional, o poder presidencial, restaurando a constituição de 2004 e organizando novas eleições no final do ano. Sem nenhuma condição que ainda aceitasse Yanukovych como presidente e também sem o suporte do parlamento, ele fugiu no dia seguinte para a Rússia. Enquanto os manifestantes ucranianos, juntamente com os governos ocidentais, apoiavam os protestos em Maidan como sendo um passo positivo contra um presidente corrupto e autoritário, a Rússia denunciou o acontecimento como sendo uma medida não constitucional contra um líder eleito democraticamente. (MENON, RUMER, 2015).

Forças de segurança da Ucrânia acusaram o Exército da Rússia de ter bloqueado comunicações de telefone celular do país. Hackers ucranianos, por sua vez, disseram ter ‘vandalizado’ o site de uma emissora internacional de TV russa. Na terça-feira, autoridades ucranianas disseram que celulares de deputados do parlamento ucraniano haviam sofrido ‘ataques’ na Crimeia. ‘Na entrada da (empresa de telecomunicações) Ukrtelecom, na Crimeia, de forma ilegal e em violação de todos os contratos comerciais, foi instalado um equipamento que bloqueia o meu telefone, bem como o telefone de outros políticos, independentemente de sua filiação política’, disse um chefe do setor de segurança da Ucrânia, Valentyn Nalivaichenko. A companhia ucraniana Ukrtelecom disse que suas instalações tinham sido invadidas por homens armados e que cabos de fibra ótica foram adulterados, prejudicando os serviços oferecidos a alguns usuários. (BBC BRASIL, 2014)

Os fatos citados pela BBC Brasil fizeram parte da guerra de informações que incluía o corte de comunicações e restrição a emissoras de televisão e sites.

A União Europeia e os Estados Unidos agiram de maneira precipitada ao reconhecerem um governo que derrubou um presidente democraticamente eleito e que é formado, também, por esses extremistas. (MIELNICZUK, 2014)

O autor Bebler⁵ (2015) levanta a hipótese de que a anexação da Crimeia provavelmente foi preparada com muita antecedência, décadas antes, e aprimorada em 2008 para ser colocada em prática em tempo oportuno. Após a fuga de Yanukovych da Ucrânia, durante os comícios de manifestantes pró-russos que exigiam a separação da Ucrânia e pedindo assistência a Moscou, o Conselho Supremo da Crimeia decidiu, em 27 de fevereiro de 2014, eleger o novo primeiro-ministro da Crimeia que passaria a ser Sergey Akyonov. O Conselho também votou a realização do referendo sobre o status da Crimeia e enviou um

⁵ Anton Bebler é professor de Ciência Política de Ljubljana. Também foi embaixador e representante permanente da Eslovênia na ONU em Genebra.

projeto de emenda justificando a incorporação da província da Ucrânia para a Rússia. A mobilização militar russa, que já estava preparada, fez o trabalho de ocupar o território da Crimeia. Após a anexação, o departamento de segurança russo fechou os canais externos de televisão ucranianos, impôs bloqueio na fronteira terrestre com a Ucrânia ocidental, fechou voos em aeroportos da península e também impediu a difusão na Crimeia da mídia ucraniana.

Após o parlamento regional da Crimeia pedir um referendo para a autonomia da província dentro da Ucrânia, Kiev enviou militares para a província. Oleksandr Turchynov que estava encarregado desse envio militar procurou substituir comandantes militares e de segurança local na Crimeia, mas as autoridades da província recorreram ao presidente da Frota do Mar Negro russo, solicitando assistência para manter a segurança na província para os cidadãos russos na Crimeia. Então em 1º de Março de 2014 o presidente russo, Vladimir Putin pediu autorização ao parlamento russo para usar tropas militares na Ucrânia. (PETRO, 2016)

No dia 16 de março ocorreu a votação do Referendo da Crimeia, que constava de duas perguntas: “1) Você é favorável que a República da Crimeia se una novamente à Rússia como parte constituinte da Federação Russa? 2) Você é favorável a restaurar a Constituição da República da Crimeia de 1992 e a condição da Crimeia como parte Ucrânia?”. (BBC BRASIL, 2014). Os dirigentes da Ucrânia saíram em defesa do boicote ao referendo, além do presidente interino Oleksandr Turchynov ter anulado a decisão do parlamento da Crimeia de realizar a votação e o parlamento de Kiev ter dissolvido o legislativo da Crimeia. Contudo, devido à presença de forças militares russas na Crimeia por causa da base militar russa em Sevastopol, a votação na Crimeia prevaleceu. (BBC BRASIL, 2014).

Com a aprovação do Referendo no dia 16 de março de 2014, na terça-feira, 18 de março, o presidente russo, Vladimir Putin, discursou no Kremlin trazendo uma abordagem geral da óptica russa sobre o contexto da crise.

Gostaria de reiterar que compreendo aqueles que foram até Maidan com slogans pacíficos contra corrupção, má administração do estado e pobreza. O direito a protestos pacíficos, procedimentos democráticos e eleições existe pelo único objetivo de substituir as autoridades que estão aquém dos desejos da população. No entanto, aqueles que estavam por trás dos mais recentes acontecimentos na Ucrânia tinham outra proposta: eles estavam preparando outra tomada de governo; queriam tomar o poder e nada era capaz de detê-los. Partiram para o terror, assassinato e tumultos. Nacionalistas, neonazistas, russóforos e antissemitas executaram o golpe. Continuam dando as cartas na Ucrânia até hoje. As novas supostas autoridades começaram introduzindo um projeto de lei para rever a política de idiomas, que foi uma infração direta aos direitos das minorias étnicas. Contudo, eles foram imediatamente “disciplinados” por aliados estrangeiros desses ditos políticos. É preciso admitir que os mentores das autoridades atuais são inteligentes e sabem muito bem em que essas tentativas de construir um estado puramente ucraniano podem resultar. O projeto de lei foi deixado de lado por ora, mas sem dúvida será retomado futuramente. (PUTIN, 2014).

A postura da Ucrânia quanto ao referendo foi a alegação de que o mesmo ocorreu de forma ilegal, violando a Constituição do país em seu artigo 73º que consta que alterações do território da Ucrânia serão resolvidas exclusivamente através de um referendo para toda a Ucrânia. O artigo 72 da Constituição ucraniana prevê que apenas a Verkhovna Rada (o Parlamento ucraniano) e o presidente podem convocar um referendo e que um pré-requisito é uma petição assinada por três milhões de eleitores elegíveis, com pelo menos 100.000 assinaturas recolhidas de cada uma das províncias da Ucrânia e uma maioria que apoia o referendo em pelo menos dois terços deles. O referendo Crimeia, realizada enquanto as forças paramilitares e as tropas russas percorreram as ruas, não encontraram nenhum desses requisitos. Além disso, a votação foi organizada por políticos pró-russos. (MENON, RUMER, 2015).

Com a anexação da Crimeia, as províncias de Donetsk e Luhansk iniciaram revoltas ao governo de ucraniano e também buscaram fazer referendos como o da Crimeia. Essas duas províncias, localizadas na região de Donbass, contribuem com 16% do PIB ucraniano e 1/4 da produção industrial. Essa região é considerada por alguns como uma região não pertencente a Ucrânia, em termos culturais. “[São] regiões onde nossa língua é praticamente inexistente, nossa memória é inexistente, nossa igreja está ausente, nossa cultura está ausente”. (PETRO, 2016, p.26).

Isso mostra que existe uma distinção nítida entre os ucranianos do ocidente e do oriente do país. Uma pesquisa feita em todas as regiões da Ucrânia pela Fundação Kucheriva, em 2014, mostrou as fortes diferenças entre a população da região de Donbass e o Oeste da Ucrânia. A pesquisa continha a seguinte questão: a Rússia é responsável pelo conflito sangrento no Leste da Ucrânia? Cerca de 19% das pessoas residentes em Donbass respondeu que *sim*, enquanto 62% disseram *não*. É perceptível que a população do leste possui a visão que responsabilize a Ucrânia pelos acontecimentos. Por outro lado, 81% dos ucranianos responderam *sim* a pergunta, enquanto apenas 16% responderam que a Rússia não era a responsável pelas mortes do conflito. A pesquisa também mostra a redução da crença de que o conflito é entre Rússia e Ucrânia no período de abril a setembro de 2014.

A decisão de Putin de anexar Crimeia em 16 de Março pegou a comunidade internacional de surpresa. O reconhecimento da soberania nacional e da inviolabilidade das fronteiras são fundamentais para o sistema e estado internacional, uma vez que 1991, a Federação Russa (como a União Soviética antes) tenha sido um ardente defensor destes princípios [e agora estaria violando-o]. A União Europeia e os Estados Unidos reagiram rapidamente com sanções econômicas e de liberdade de circulação, impondo o congelamento de bens e proibição de viajar em algumas dezenas de políticos diretamente envolvidos na anexação da Crimeia. Enquanto a guerra assolava o leste Ucrânia, em 16 de julho, os EUA introduziram sanções setoriais sobre corporações estratégicas, impedindo os empréstimo de longo prazo. No dia seguinte, separatistas aparentemente abateram o voo da Malaysian Airlines. Em 25 de julho, a UE ampliou suas sanções. Putin respondeu em 6 de Agosto pela introdução de uma proibição de um ano na importação de frutas e legumes, produtos lácteos e carne de países que impuseram sanções à Rússia. (RUTLAND, 2016, p.130).

As decisões políticas de Moscou tiveram uma forte reação nos Estados Unidos e nos seus aliados. A Rússia foi vista como o Estado agressor, e foi efetivamente expulsa do grupo G8, que tornou a ser o grupo G7. A União Europeia degradou suas relações com a Rússia e a OTAN suspendeu sua cooperação com o país. Os líderes dos países ocidentais suspenderam suas reuniões bilaterais com Putin, mesmo que fazendo exceções. Numa votação da Assembleia Geral da ONU, 100 nações recusaram a legitimidade do referendo na Crimeia. Além disso, o processo de adesão da Rússia na Organização de Cooperação e Desenvolvimento também foi colocado em espera. Os EUA levaram seus aliados a imporem sanções contra as autoridades russas, empresas e setores potenciais da indústria russa, tendo o objetivo de fazê-la recuar sobre a questão da Ucrânia e até mesmo criar uma superfície para a mudança de regime, ou seja a expulsão de Putin, através de uma revolta popular. As sanções causaram uma profunda queda no mercado de ações russo e a fuga de capital e o

enfraquecimento da moeda russa. Embora a relação energética entre Rússia e UE seja forte, agora há uma tendência mais forte para diversificação energética. (TRENIN, 2014).

De acordo com Sergei Guriev, apesar da anexação da Crimeia pelo governo de Putin durante a crise ucraniana ter o potencial de trazer crescimento futuro, o impacto das sanções econômicas afastaram os investidores e junto com eles causou uma fuga de capital de 100 bilhões de dólares, além de desvalorizar a moeda russa e deixar a economia do país em recessão. Ademais, a crise ucraniana revelou aos investidores russos e de outras nacionalidades que o atual governo Putin não tem como maior prioridade o crescimento econômico, pois mesmo ciente das sanções econômicas que viriam, o governo optou pela anexação da Crimeia. (GURIEV, 2015).

A argumentação de Guriev continua levando para o sentido de que esse tipo de atitude do governo russo só pode receber apoio da população se esta estiver desinformada sobre a real situação econômica dos custos a longo prazo. Para que a população desconhecesse essas informações, Guriev argumenta que houve um aumento da censura da Internet, principalmente em relação aos blogs e aos líderes da oposição que pudessem espalhar críticas ao governo. Guriev, também afirma que a elite russa precisava de um motivo para poder conseguir o apoio da população ao governo, um motivo que fosse maior do que não geração de crescimento econômico e este motivo foi a anexação da Crimeia, o qual foi usado como uma *distração* para os problemas econômicos da Rússia. Além disso, na opinião do autor, esta atuação na Crimeia tem mostrado ao mundo que o foco do desenvolvimento econômico russo e sua integração com os demais países não é uma prioridade. É, no entanto, negociáveis caso a elite russa governante sintam-se ameaçada. (GURIEV, 2015).

O alto grau de vulnerabilidade mútua tem sido durante muitos anos o ponto de equilíbrio estratégico entre os Estados Unidos e a Rússia. Ambos os lados tem o poder de causar destruição sem precedentes por meio do uso das armas nucleares, mesmo que haja um esforço determinado por um dos lados para prevenir ou defender-se contra um possível ataque. (COLBY, 2016).

De acordo com Smith⁶ (2016), à espera do Ocidente de que Putin fosse forçado a escolher entre o futuro econômico da Rússia em vez de manter o controle da Crimeia era a teoria por trás do uso das sanções econômicas impostas a Rússia. Contudo, apesar das sanções

⁶Julianna Smith é companheira sênior e diretora do Programa de Estratégia e Estadismo e do Centro de Nova Segurança Americana.

econômicas estarem durando mais de dois anos, essa estratégia não conseguiu alterar o comportamento da Rússia de forma significativa, pois ela permanece envolvida no leste da Ucrânia, não apresenta sinais de cumprir o acordo de Minsk, continua intimidando os países vizinhos através de missões de sondagem, ataques cibernéticos e campanhas de mensagens estratégicas.

A unidade transatlântica entre Estados Unidos e União Europeia foi a chave levantada pelo ex-presidente Barack Obama para fazer com que Putin voltasse atrás na sua decisão, além da busca contínua de um acordo político na Ucrânia e na Rússia. Contudo, o desgaste entre os membros da OTAN mais os desafios internos e externos que a Europa enfrenta podem acabar beneficiando a Rússia. (SMITH, 2016).

No final do mês de agosto de 2014, depois de cerca de 2600 mortes⁷ nos confrontos entre o exército ucraniano e os rebeldes na região de Donbass, o primeiro acordo de Minsk foi assinado. As negociações em Minsk, resultaram em um cessar-fogo entre as forças de Kiev e as tropas rebeldes em Donbass. Fora essa questão, a Ucrânia ainda precisa negociar com a Rússia sobre o fornecimento de gás para o seu país. Em outubro o país conseguiu fechar um acordo e “pagar 3 bilhões de dólares em dívidas e 1,5 bilhão de dólares como pagamento antecipado do gás, vendido por US\$ 378,00 o metro cúbico”. (RUTLAND, 2016, p.131). Desde 2014 até o presente momento (março 2017) mais de 10 mil pessoas morreram nos confrontos entre o exército ucraniano e as forças rebeldes apoiadas pela Rússia.

Pode-se perceber que desde sua independência, a Ucrânia é um Estado ainda muito dependente da Rússia, principalmente no setor energético. Muito embora os governos anteriores a Yanukovych tenham se caracterizado como pró-ocidentais, não foi o suficiente para se livrarem da dependência energética de Moscou.

Por causa da corrupção existente nos governos presidenciais ucranianos desde a independência até Yanukovych, os interesses nacionais se misturaram aos interesses das elites locais, que corruptamente enfraqueciam a economia nacional. Além disso, a divisão étnica e linguística do país tem se mostrado decisiva em relação as eleições presidenciais. Estes grupos não veem um ao outro como inimigos ou rivais, no entanto há extremistas dos dois lados e as políticas propostas pelos governos ucranianos tem mostrado uma tentativa de

⁷ G1 - Conflito no Leste da Ucrânia deixou quase 2,6 mil mortos – Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/conflito-no-leste-da-ucrania-deixou-quase-26-mil-mortos.html>>. Acesso em 20 mar. 2017.

*ucranização*⁸ das províncias do sul e leste do país, desagradando a maioria étnica nessa região que é de russo e falantes da língua russa. Esse foi o principal motivo da população da Crimeia ser favorável a anexação pela Rússia, além dos temores de haver mortes na província devido ao envio de forças militares ucranianas para conter os revoltosos.

Contudo, a anexação não tornou melhor as condições de vida dos habitantes da Crimeia, pois, segundo a autora Uehling (2016), eles vivenciaram a retirada de todos os produtos ucranianos dos mercados sendo substituídos por produtos russos e com o valor mais caro, além de todas as suas documentações precisarem ser tiradas novamente, agora com o cidadãos russos ou com passaportes da Rússia, inclusive a legislação precisou ser mudada para se adaptar a legislação russa.

Alexei Charliy, governador de Sevastopol em 2014 durante a anexação da Crimeia, afirmou, em uma entrevista dada a Reuters em 27 de Março de 2017, que após três anos a anexação tem sido uma decepção para as pessoas da região. Ao fazer críticas a maneira com a Crimeia é administrada desde a anexação, Charliy afirmou que os planos de desenvolvimento econômico propostos para a Crimeia não haviam tido progresso e os preços dos bens de consumo sofreram forte alta, além disso os fundos injetados por Moscou foram desperdiçados pela administração local. A inflação tem sido um dos fatores que desapontaram as pessoas em relação à anexação pela Rússia. Isso ocorre também devido as sanções financeiras que a Ucrânia vem passando.(KORSUNSKAYA, 2017).

O Ministério da Defesa da Rússia disse na terça-feira que considera as patrulhas navais dos EUA no Mar Negro como uma ameaça potencial à sua segurança porque não está claro que tipo de mísseis os navios estavam carregando, informou a agência de notícias RIA. A Rússia, que anexou a Criméia da Ucrânia em 2014, tem sua própria frota do Mar Negro baseada em Sevastopol.(DEVITT, 2017).

Não obstante as movimentações militares, a OTAN e Rússia continuavam buscando o diálogo para evitar futuros problemas não apenas na região, mas também questões no Oriente Médio (EMMOTT, 2017).No capítulo seguinte será abordado qual estratégia a Rússia utilizou para assegurar a manutenção da Crimeia sob seu comando e como a Ucrânia ainda encontra-se numa posição muito frágil e dependente da Rússia, ainda mais após a perda da província.

⁸ Tentativa do governo ucraniano de criar leis impedindo as províncias do sul de utilizarem a língua russa como oficial para documentos, ministração de aulas nas escolas e universidades, impondo, assim, que a população aprenda e utilize a língua ucraniana ao invés da russa.

2 A ESTRATÉGIA DE POLÍTICA EXTERNA RUSSA DURANTE A CRISE NA CRIMEIA

A Rússia é o maior produtor mundial de petróleo bruto e o segundo maior produtor de gás natural seco, tendo seu crescimento econômico impulsionado pelas exportações dessas duas fontes de energia, as quais representaram 43% da receita federal russa em 2015. No mesmo ano as produções de petróleo e gás natural seco atingiram a produção média de 11 milhões de barris por dia e 22,4 trilhões de pés cúbicos, respectivamente. Além disso, o país é o terceiro maior gerador de energia nuclear do mundo. Ademais, 70% das exportações de petróleo russo tiveram como destino países europeus, em particular Alemanha, Holanda, Bielorrússia e Polônia, totalizando 46% das receitas totais de exportação russa. Em termos comparativos, 30% das importações de petróleo da União Europeia são provenientes da Rússia, caracterizando por tanto uma interdependência. (INTERNATIONAL ENERGY AGENCY, 2015).

O gás natural também constitui um combustível importante que contribui ainda mais para uma maior interdependência entre União Europeia e Rússia. Em 2015, quase 90% das exportações russas foram entregues a clientes na Europa. A Ucrânia foi o terceiro maior importador de gás natural russo, mas devido as tensões entre os dois países e a disputa envolvendo preço e pagamentos, a Ucrânia passou a comprar gás natural dos vizinhos ocidentais. Cerca de 30% das importações de gás natural na Europa da OCDE vieram da Rússia, mas com as sanções impostas pelos Estados Unidos e União Europeia em 2014, a Rússia assinou dois acordos com a China, no mesmo ano. (INTERNATIONAL ENERGY AGENCY, 2015).

Contudo, a Rússia ainda enfrenta sua crise econômica e política que está diretamente ligada a crise na Crimeia, ressaltando a importante consideração das fraquezas estruturais russas, não levando em conta apenas as sanções e os conflitos na Ucrânia. Uma informação importante é a fuga de investimentos da Rússia antes mesmo da crise na Crimeia. A chegada de Putin ao governo em 2012 provocou mais agitação nos investimentos privados, visto que o Estado interfere na economia. (MANKOFF, KUCHINS, 2015, p.1-2).

A aspiração de Putin como líder da Rússia era claramente o ressurgimento do país como superpotência, tendo como ponto de partida o seu controle sobre os abundantes recursos naturais e matérias-primas do país. Os recursos monetários resultantes do aumento do preço

do petróleo no primeiro mandato de Putin permitiram que ele fortalecesse seu poder doméstico. (VAGIN, 2012).

Algumas tensões ocorreram entre a Rússia e os estados de trânsito por onde passam os gasodutos. Em ambos os casos, houve desentendimentos sobre os preços de trânsito de gás entre a Rússia e os intermediários de trânsito. No caso da Bielorrússia, as partes encontraram um consenso sem ameaçar o trânsito de gás para a Europa; no entanto, as tensões entre a Rússia e a Ucrânia chegaram a um ponto em que o fluxo de gás através do território ucraniano foi interrompido, deixando a Europa sem um fornecimento de gás por duas semanas em 2009. Usando este precedente, a Rússia tentou pressionar os estados da UE quanto à necessidade de diversificar seu fluxo de gás, desenvolvendo vários novos projetos, como *NordStream*, sob o Mar Báltico e *South Stream*, no mar Negro, ignorando a Ucrânia e ressaltando que ela não é confiável para o trânsito de gás. (VAGIN, 2012)

Segundo Ribeiro⁹ (2016), “a anexação da Crimeia pela Rússia foi um evento singular. [...] Com a crise ucraniana, a geopolítica voltou a ser o centro dos cálculos de política externa das grandes potências, marcando um novo período de rivalidade nas relações Rússia-Occidente.” (RIBEIRO, 2016, p. 103).

Dmitri Trenin¹⁰ (2014) aponta que as raízes da crise ucraniana

[foram] precedidas por uma competição entre União Europeia e Rússia pela orientação geoeconômica futura da Ucrânia. As raízes da crise encontram-se na guerra de 2008 entre Rússia e a Geórgia, que pôs fim à ideia de expansão da OTAN, tanto para a Geórgia quanto para a Ucrânia, e no início da crise financeira global, que pareceu dar mais credibilidade a arranjos econômicos regionais. Os europeus, por meio do programa Eastern Partnership [Parceria do Leste], que a União Europeia lançou em 2009, buscam a associação da Ucrânia. No entanto, ao invés de ser um passo em direção a uma futura ampliação da União Europeia, essa iniciativa foi uma tentativa de constituir uma ‘zona de conforto’ para o leste das fronteiras da União Europeia e reforçar a orientação ocidental desses países. A Rússia, por sua parte, tentou atrair a Ucrânia e a maior parte dos outros países das ex-URSS para seu projeto de uma união aduaneira, também iniciado em 2009, que levou, em maio de 2014, à assinatura do tratado estabelecendo a União Econômica Euroasiática (TRENIN, 2014, p. 4, tradução nossa).

⁹ Renata Corrêa Ribeiro é Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

¹⁰ Dmitri Trenin é Diretor do Carnegie Moscow Center e esteve neste centro de pesquisa desde sua fundação. Trenin também preside o Conselho de Pesquisa e o Programa de Segurança e Política Externa. Antes disso, Trenin foi pesquisador sênior do NATO Defense College (Faculdade de Defesa da OTAN), em Roma, no ano de 1993, e também é membro pessoal da Delegação dos EUA-URSS de armas nucleares em Genebra durante os anos de 1985 à 1991.

Assim, tanto União Europeia quanto a Rússia viam a Ucrânia como um importante elemento de seu projeto geopolítico. O presidente Viktor Yanukovich manteve a postura de aproximação com a Rússia desde o início de seu governo. Após abandonar o projeto de integração com a Associação Europeia, os protestos que tomaram as ruas de Kiev tiveram forte apoio do Ocidente, favorecendo no alastramento da crise por causa do incentivo dado as manifestações, as quais levaram à destruição do governo Yanukovich, em favor de um presidente interino que foi apoiado prontamente pelos Estados Unidos e União Europeia. (RIBEIRO, 2016)

Diante disso,

a pronta anexação da Crimeia pela Rússia e o apoio de Moscou aos sentimentos autonomistas em diversas regiões da Ucrânia suscitaram manifestações do Ocidente contra a interferência russa nos assuntos internos da Ucrânia e a violação do princípio da Integridade Territorial. A gênese da crise ucraniana, contudo, é mais profunda e revela a disputa entre Rússia e o Ocidente pela influência naquela região. A Rússia age em defesa de seus interesses e de seus nacionais fora do território russo, enquanto o Ocidente (principalmente OTAN e UE) tentam impedir o crescimento da influência russa, por motivos geopolíticos e econômicos. Com isso, as relações Rússia-Ocidente estremeceram-se com o agravamento provocado pelas sanções imposta à Rússia e a dificuldade de negocia o fim da crise ucraniana. (RIBEIRO, 2016, p.104).

De acordo com Trenin (2014), para Moscou, a Ucrânia havia sido, por duas décadas, um Estado fraco, frágil e muitas vezes pouco confiável, que criava problema entre o trânsito da energia russa da Gazprom e a Europa. No entanto, a Ucrânia estava tornando-se um país liderado por uma coalizão de elites pró-ocidentais em Kiev e nacionalistas ucranianos ocidentais anti-russos. Essa mudança para o Kremlin trazia um duplo perigo: 1) enfraquecer a língua, a cultura e a identidade russa dentro da Ucrânia e 2) a Ucrânia se unir a OTAN em um curto prazo. Putin agiu rapidamente colocando em andamento os planos de contingência que Moscou havia redigido para uma eventualidade de Kiev solicitar a adesão à OTAN. A mudança na política russa para com a Ucrânia foi perceptível. A política de defesa passou a ser de contra ofensiva, tendo o objetivo principal evitar que a Ucrânia se unisse à OTAN e depois reconquistar o país para o plano de integração euroasiático da Rússia.

No plano interno da Rússia, a crise na Ucrânia resultou numa consolidação da opinião pública russa em torno das mensagens do Kremlin, do ressurgimento russo como um grande poder, do patriotismo vigoroso e de visões expansionistas. Todos esses temas promovidos pelos meios de comunicação russos. Em julho de 2014, o centro de pesquisa russo Levada, fez uma pesquisa estatística sobre a aprovação da população sobre o governo Putin e sobre o nível

de preocupação com as sanções do Ocidente. “O índice de aprovação de Putin atingiu 85% - mesmo após o abatimento do avião malaio sobre a Ucrânia e a condenação internacional das ações russas na Ucrânia que seguiram o episódio.” (MENON, RUMER, 2015, p.88). A pesquisa representativa da amostra populacional urbana e rural de 1600 pessoas com idade acima de 18 anos, feita em mais de 134 assentamentos de 46 regiões da Rússia, com margem de erro para 3,4%, revelou que entre março de 2014 e julho de 2014, o índice de cidadãos *muito preocupados* com o isolamento internacional da Rússia em relação a posição tomada pelo Kremlin em relação à Ucrânia caiu de 44% para 26%, aumentando o número de *não muito preocupados* de 30% para 43% e o número de pessoas que *absolutamente não se incomodam* 9% para 18% . (LEVADA CENTER, 2014)

Segundo Menon¹¹ e Rumer¹² (2015), a reeleição de Putin em 2012 foi seguida por uma série de novas iniciativas legislativas e administrativas que procuravam limitar as liberdades políticas e minimizar a influência estrangeira, especialmente ocidental, na política interna russa. Em outubro de 2014, Putin assinou uma nova lei afirmando que a propriedade estrangeira de jornais e outros meios de comunicação seriam restritos a 20% além de medidas para melhorar a segurança da Internet incluindo possivelmente desligar a internet russa do sistema global em caso de emergência.

2.1 ANEXAÇÃO DA CRIMEIA PELA RÚSSIA: MOTIVOS E JUSTIFICATIVAS DA RÚSSIA

A anexação da Crimeia marcou o abandono do Kremlin não apenas na ordem de segurança pós-Guerra Fria entre os antigos Estados soviéticos, cujos líderes haviam concordado em respeitar as fronteiras administrativas, mas também das normas europeias pós-Segunda Guerra Mundial codificadas nos acordos de Helsinque de 1975, o qual afirmou o compromisso de todas as nações europeias a reconhecer as fronteiras uns dos outros e não mudá-las pela força. (MENON, RUMER, 2015).

A Rússia, ao usar a lógica da defesa da etnia ao regime ucraniano hostil, foi ainda mais além alegando que a motivação da anexação era também para corrigir uma injustiça histórica

¹¹Rajan Menon é PhD pela Universidade de Illions.

¹² Eugene Rumer é PhD pelo Massachusetts Institute of Technology (Instituto de Tecnologia de Massachussets), além de ex-oficial de inteligência nacional no Conselho Nacional de Inteligência dos Estados Unidos para a Rússia e Eurásia. Também é membro sênior e diretor do Programa Carnegie da Rússia e da Eurásia.

perpetrada durante o mandato de Nikita Khrushchev que havia dado a Crimeia – indiscutivelmente um território russo – para a Ucrânia. (MENON, RUMER, 2015).

No seu discurso presidencial no dia 18 de março de 2017, após a anexação da Crimeia pela Rússia, Putin levantou a questão dos motivos pelos quais considerou a anexação da Crimeia uma atitude acertada. Entre eles, a motivação histórica devido a Crimeia e Sevastopol serem historicamente território russo. A tentativa de privar os russos que vivem na Ucrânia da sua memória histórica (russa), privá-los do seu idioma e sujeição a uma assimilação forçada do idioma ucraniano, além da crise política existente no país eram motivos suficientes para a intervenção russa. A Rússia foi o país que acolheu os emigrantes da Ucrânia que procuravam emprego no país. Em seguida, o presidente russo afirmou que Rússia não poderia negar-se a atender ao pedido do parlamento da Crimeia, que solicitou a anexação por meio do referendo, estando ciente que os direitos humanos dos russos na região estavam sendo violados. (PUTIN, 2014)

Após isso, Putin respondeu as acusações do Ocidente sobre a Rússia estar violando as normas internacionais ao questionar quais normas exatamente a Rússia estava violando. “As forças armadas da Rússia nunca entraram na Crimeia; elas já estavam lá em conformidade com um acordo internacional. [...] Não excedemos o limite contingente de nossas Forças Armadas na Crimeia” (PUTIN, 2014). Logo em seguida afirmou que, quando a Ucrânia tornou-se independente, o argumento e justificativa usado foi o da autodeterminação dos povos. Contudo, questionou o porquê desse direito (autodeterminação dos povos) estar sendo negado a Crimeia pela comunidade internacional naquele momento. Citou também documentos oficiais da Corte Internacional da ONU e dos Estados Unidos, também enviados a mesma Corte Internacional da ONU, em que há afirmativas de que declarações de independência não são proibidas e que muitas vezes podem violar a legislação interna de um país, contudo isso não faz delas violação da legislação internacional. (PUTIN, 2014)

Em seguida, o presidente russo também endureceu o discurso ao acusar os países ocidentais e, em especial os Estados Unidos, de praticarem “um cinismo indescritível, primitivo e descarado” (PUTIN, 2014).

Colegas, como um espelho, a situação na Ucrânia reflete o que está acontecendo e o que aconteceu no mundo nas últimas décadas. Após a dissolução da bipolaridade do planeta, não temos mais estabilidade. As principais instituições internacionais são estão se fortalecendo; pelo contrário, em muitos casos, infelizmente estão degenerando. Nossos parceiros ocidentais, liderados pelos Estados Unidos da América, preferem não ser guiados pela legislação internacional em suas políticas práticas, mas pela lei da pistola. Passaram a acreditar em sua exclusividade e excepcionalidade, de que podem decidir o destino do mundo, que apenas eles estão certos. Agem como bem lhes apraz: aqui e ali, usam a força contra estados soberanos, criando coalisões baseando-se no seguinte princípio: “Se você não está conosco, está contra nós”. Para legitimar essa agressão, forçam as resoluções necessárias de organizações internacionais e, se por algum motivo isso não dá certo, simplesmente ignoram o Conselho de Segurança da ONU e a ONU como um todo. (PUTIN, 2014).

O Kremlin utiliza as diásporas históricas para justificar a anexação da Crimeia. As minorias étnicas não contestam a supremacia dos símbolos russos no espaço público da Rússia, deixando o Kremlin com um grande espaço para manobrar, podendo agir em diferentes níveis de política interna e externa, visando alcançar diferentes grupos para alcançar o maior apoio para suas políticas. Isso faz com que a Rússia obtenha sucesso em seu *soft power*. Isso ocorre porque as minorias étnicas não representam um grupo de interesse unificado. (LARUELLE, 2017).

“No que tange às questões de identidade russa, a Crimeia contém uma maioria russa significativa, um passado compartilhado, a linguagem russa amplamente disseminada e a proximidade regional une, em termos, a Crimeia ao governo de Moscou.” (RIBEIRO, 2016, p.106).

2.2 OBJETIVOS DA RÚSSIA COM A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA: ASPECTO ENERGÉTICO, ECONÔMICO E DA SEGURANÇA

Para Trenin (2014), na busca de sua nova abordagem, a Rússia tinha 2 objetivos: o primeiro era deixar a Crimeia fora do alcance das autoridades ucranianas que surgissem após a queda de Yanukovych. Isso seria executado por meio de forças especiais russas que isolaram fisicamente a Crimeia, ajudando a população pró-Rússia da Crimeia a assumirem o controle do governo local, do parlamento e das agências políticas. A Rússia também

incentivou essa parte da população a realizar um referendo para sobre o Estatuto da Crimeia e prosseguiu uma campanha total em favor da reunificação da Crimeia com a Rússia. A votação foi aprovada e um tratado foi assinado em Moscou aprovando a incorporação da Crimeia e de Sevastopol pela Rússia.

Ainda segundo Trenin (2014), o segundo objetivo de Moscou era conseguir um assentamento federal na Ucrânia a fim de impedir a completa dominação do país por Kiev e consequentemente tornar impossível que a Ucrânia aderisse a OTAN. Embora os exercícios militares russos próximos a fronteira com a Ucrânia, não houve uma invasão. No entanto Moscou encorajou os políticos favoráveis a Rússia na Ucrânia, o que ocasionou uma manifestação em massa buscando a autonomia na região [de Doneskt e Luhansk], tomando prédios públicos e edifícios governamentais, além de proclamarem as províncias como *repúblicas independentes*. Moscou mostrou-se simpático, mas não reconheceu os demais referendos. Enquanto isso, Moscou deu aos militares rebeldes apoio moral, político e material, embora não tenha reconhecido as republicas nem feito intervenção diretamente. Em reação, o governo da Ucrânia iniciou a chamada *operação antiterrorista* nas províncias rebeldes, gerando baixas de ambos os lados e provocando uma crise humanitária com milhares de mortos e refugiados que deixaram as regiões.

As pesquisadoras Fiona Hill e Pamela Jewett analisaram, em 1994, os objetivos da política estratégica russa para a Ucrânia, além de outros países da região. Especificamente para a Ucrânia, os objetivos que podem permanecer até a atualidade seriam: 1) impedir a Ucrânia de se tornar um centro poder rival; 2) manter a Ucrânia em sua esfera de influência e dentro do bloco comercial da Comunidade de Estados Independentes; 3) prevenção da Ucrânia criar novas redes de comércio que a desviem da Rússia; 4) manter a presença estratégica da Rússia no Mar Negro; 5) manter o controle do porto de Sevastopol, na Crimeia, como uma base naval para a Rússia. Para garantir esses objetivos, Moscou exerceu pressão sob Kiev em três frentes: econômica, territorial e de segurança. (HILL, JEWETT, 1994).

Unindo estas duas perspectivas, tem-se uma Rússia que se assegura de manter sob seu controle uma região estratégica que vem sendo ameaçada pela expansão das zonas de influência das potências ocidentais, colocando em prática a estratégia no aspecto de segurança, sugerido por Trenin, e também territorial, sugerido por Hill e Jewett.

Além disso, a Rússia tem sido cuidadosa ao atuar de forma discreta, deixando poucas marcas de sua atuação oficial, pois em vez de enviar militares ou grupos de agentes e

operários, conta com pessoas voluntárias do oriente e sul da Ucrânia além de voluntários e ativistas de toda a Rússia, que se comprometem a impedir que a Ucrânia seja *sequestrada do seu lugar natural ao lado da Rússia* e se transforme em um território dominado pela influência da União Europeia e OTAN. (TRENIN, 2014).

Trenin (2014) aponta que a Rússia teve um grande avanço em direção à restauração da sua posição dominante na região do Mar Negro agora com o controle da Crimeia, passando a ter uma maior área de litoral e ocupar uma posição estrategicamente mais forte na região, podendo modernizar o porto de Sevastopol para que a Rússia possa projetar seu poder, inclusive para o Mediterrâneo Oriental.

Para Blank¹³ e Kim (2016), a rede de energia russa é o fator de coerção ou de alavancagem na Eurásia. As políticas energéticas funcionam constantemente como uma estratégia de segurança nacional da Rússia e são frequentemente utilizados com outros elementos da guerra política da Rússia para consolidar o poder e autoridade domésticos do regime de Putin, ajudando a obter uma esfera neoimperialista sob os governos dos países da antiga URSS e nas fronteiras da Europa Oriental, gerando uma quebra na coesão e integração europeia. Essa forma de guerra, energética e econômica, permanece em conjunto com operações militares na Ucrânia. A Rússia está utilizando sua estratégia para isolar a Ucrânia das fontes europeias de energia e tornar o país totalmente dependente do gás e petróleo russos.

De acordo com Hill e Jewett (1994), o governo russo tem feito, desde a independência da Ucrânia, acordos energéticos sobre o fornecimento de gás com Rússia a para garantir a retirada ou destruição do arsenal nuclear da era soviética presente na Ucrânia (objetivo este já conquistado ainda no governo Kravchuk), além da manutenção do controle da base naval russa em Sevastopol, bem como manter a maioria da frota naval sob o comando russo enquanto mantém os preços do gás a baixos níveis, conforme o tempo previsto para duração do acordo.

A Ucrânia e demais países da ex-URSS possuíam dívidas em relação ao gás fornecido pela Rússia comprado a baixos preços. Como manobra política, a Rússia conseguiu um acordo com alguns desses países para trocarem suas dívidas pelos gasodutos que passassem por seus países, enquanto os preços do gás para os mesmos ficaria por um preço abaixo do mercado por um certo tempo. Com a Ucrânia não ocorreu desta forma, pois o presidente

¹³Stephen Blank é membro do sênior do American ForeignPolicyCouncil (Conselho Americano de Política Externa).

Yushchenko não foi considerado amigável por Moscou e não venderia as instalações de energia ucranianas. Ficou acordado entre Rússia e Ucrânia que o débito ucraniano seria pago da seguinte forma: 80% do gás exportado para a Europa seria considerado como abatimento da dívida ucraniana. Dessa forma, a União Europeia foi envolvida na questão da disputa do gás entre Ucrânia e Rússia. No ano 2006, a Rússia aumentou o preço do gás de 50 dólares por mil metros cúbicos, para 230 dólares pela mesma quantidade de gás. A Ucrânia se recusou a pagar e a reação russa foi o corte do fornecimento e, conseqüentemente, o abastecimento de gás na Europa foi reduzido. A Ucrânia continuou vendendo gás para a Europa, este de origem no Turcomenistão. A Rússia acusou a Ucrânia de roubar gás russo. Em 2009, a disputa do gás gerou uma crise após Ucrânia e Rússia não conseguirem acertar um novo contrato para os preços do gás. A Rússia exigiu a subida do preço para 250 dólares por mil metros cúbicos e em seguida para 450 dólares. A Ucrânia recusou os preços e houve o corte do fornecimento de gás pela Rússia, mas a Ucrânia continuou a fornecer gás para a Europa, levantando novamente as acusações russas de roubo de gás. (MENON; RUMER, 2015).

Em junho de 2014, após a deposição do presidente Yanukovich, a Gazprom (empresa russa de fornecimento de gás) cortou o fornecimento de gás para a Ucrânia sob o respaldo de que o país não ter pago as dívidas, que estaria somando mais de US\$ 5 bilhões. Com isso, o fornecimento de gás para a União Europeia foi, mais uma vez, prejudicado. Em outubro do mesmo ano um acordo tríplice foi assinado com validade até março de 2015, e um documento entre Gazprom e Naftogaz (empresa ucraniana de fornecimento de gás) foi assinado. Isso garantiu que a Ucrânia e Europa passassem por mais um período de inverno utilizando o combustível fóssil.¹⁴

O uso da arma energética pela Rússia é um dos programas de ação usados pelas grandes potências, o qual faz parte a guerra econômica que é utilizada especialmente contra governos mais vulneráveis, sendo por tanto um dos conflitos internacionais contemporâneos. Trata-se de uma guerra definida pelo uso de instrumentos financeiros, força e pressão de mercado para alavancar o setor bancário. (BLANK; KIM, 2016).

Tendo em conta a crescente procura de energia em toda a Europa e, em particular, na União Europeia, as tentativas da Rússia de monopolizar o mercado europeu de energia é uma forma de realização das suas ambições políticas internacionais utilizando meios econômicos

¹⁴ G1 - Rússia, Ucrânia e União Europeia assinam acordo de gás. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/russia-ucrania-e-uniao-europeia-assinam-acordo-de-gas.html>>. Acesso em 09 abr. 2017.

como instrumento. Assim, o estabelecimento final do controle governamental sobre o setor de energia tornou-se um elemento-chave da política doméstica russa, que converteria os recursos de energia no instrumento do poder do Estado. (VAGIN, 2012).

Como um fornecedor de energia confiável, a Rússia procura formas de diversificar rotas de transporte de energia para a Europa, nomeadamente através dos projetos *North Stream* e *South Stream* citados anteriormente. Essa política de ligação entre consumidor e fornecedor diretamente é provavelmente motivada mais politicamente do que economicamente. O estabelecimento do controle monopolista russo sobre o fluxo de uma quantidade crítica de suprimentos de energia para a Europa pode ser convertido em um domínio político regional. (VAGIN, 2012).

Moscou costuma praticar o que os especialistas chamam de guerra econômica. Os instrumentos incluem: energia, comércio, oportunidades e cortes de investimento, remessas e tentativas de melhorar o rublo russo e diminuir o papel do dólar. Estas são práticas conduzidas de forma conjunta com uma estratégia mais ampla que deve ser chamada de guerra política. Os instrumentos de sua estratégia são a força militar, penetração de mídia, penetração de inteligência e subversão ininterrupta da informação no exterior para organizar um processo duradouro de manipulação político-ideológico em massa, o crime organizado e o uso do cartão étnico. Moscou usou da coerção econômica como instrumento da guerra contra seus vizinhos. Por exemplo: a imposição de tarifas e exclusão da Ucrânia da União Aduaneira Euroasiática em Dezembro de 2015, devido a Ucrânia ter se recusado a renunciar ao seu acordo de associação com a União Europeia; além dos esforços em curso, da Rússia, para obter o controle, através da Ucrânia, da distribuição do gás russo no interior da Ucrânia. (BLANK; KIM, 2016)

Dessa forma, pode-se ver a estratégia russa em ação, envolvendo a questão da segurança da Ucrânia e gerando instabilidade interna no país e sendo potencializada pelos cortes ao fornecimento de gás para a Ucrânia, que ocorrem somente mediante pagamento antecipado.

É importante ser analisado que a estratégia da política externa russa em termos energéticos continuou seguindo o viés apontado por Hill e Jewett (1994), fazendo com que a Ucrânia fosse dependente energeticamente (e por consequência economicamente) do fornecimento de gás russo, do qual dependem o funcionamento industrial da Ucrânia. Vale salientar que o corte no fornecimento de gás em pleno conflito entre as forças ucranianas e os rebeldes na região do Donbass ameaçou e enfraqueceu o conflito para a Ucrânia.

Trenin (2011) afirmar que a

crença da elite política russa é de que o objetivo principal dos EUA continua o mesmo de sempre: humilhar a Rússia o máximo que puder e, se for possível, decompô-la em pedaços e subordiná-la aos desejos norteamericanos. Essa é uma interpretação grosseira, é claro, mas é a essência da pauta da política externa dos EUA. [...] O alargamento da OTAN é parte de um plano para cercar, enfraquecer, pressionar a Rússia, etc. (TRENIN, 2011, p. 48-9)

No dia 02 de março de 2015, a União Europeia conseguiu manter o fornecimento de gás russo até o final do mesmo mês. Vencido o prazo, a Rússia anunciou, em 1º de junho de 2015, a interrupção do fornecimento de gás à Ucrânia, depois do fracasso das negociações sobre o novo preço do gás entre Kiev e Moscou. O presidente da Gazprom, Alexei Miller, afirmou que a Ucrânia não havia pago pelo fornecimento de gás para julho, por isso a Gazprom não entregaria mais o gás – independente do preço – sem o pagamento antecipado. Contudo, a União Europeia garantiu que o fornecimento de gás para o restante do continente estaria garantido.¹⁵No dia 25 de Novembro, a Rússia suspendeu novamente o fornecimento de gás por falta de pagamento da Ucrânia.¹⁶

Os membros da União Europeia têm diferentes graus de dependência da energia importada da Rússia. Mesmo que um montante do fornecimento de gás importado da Rússia chegue a ser de terço do total do consumo da União Europeia, sete dos membros da desse bloco (Bulgária, Estónia, Letónia, Lituânia, Finlândia, Romênia e Eslováquia) importam 100% do seu gás natural da Rússia; seis destes países (Grécia, Áustria, Hungria, República Checa, Polónia e Eslovénia) tem mais de 50% do gás natural advindo da Rússia. Além disso, os antigos países do bloco soviético da Europa Oriental e Central possuem um legado de uma grande relação energética com a Rússia durante décadas. Com isso, há um viés de cooperação energética existente entre os estados individuais, União Europeia ea Rússia, ou seja, os diferentes níveis de sua dependência do gás natural russo criam uma condição prévia para uma variedade de tensões entre a União Europeia, como uma entidade política supranacional, e os estados individuais pertencentes ao bloco, em termos de formação e implementação de uma política de segurança energética comum para o mesmo. (VAGIN, 2012).

¹⁵G1 - Rússia anuncia interrupção do fornecimento de gás à Ucrânia. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/russia-anuncia-interruptao-do-fornecimento-de-gas-a-ucrania.html>>. Acessado em: 15 jan; 2017

¹⁶G1 - Rússia suspende fornecimento de gás à Ucrânia por falta de pagamento. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/russia-suspende-fornecimento-de-gas-a-ucrania-por-falta-de-pagamento.html>>. Acessado em: 15 jan. 2017

Cada Estado procura as melhores maneiras possíveis para proteger seus próprios interesses nacionais. A União Europeia enquanto “bloco apresenta um déficit energético considerável devido à alta demanda industrial, residencial e de transportes, em que que cerca de 70% da matriz energética europeia venha de fontes como petróleo, gás natural e carvão.” (HENDLER 2015, p.19).

A desigualdade de desenvolvimento econômico entre os membros da União Europeia e de cada Estado afeta a escolha de quanto e onde obter os recursos energéticos. Assim, a priorização dos interesses econômicos nacionais por cada membro da União Europeia sobre os interesses coletivos inevitavelmente prejudica a capacidade da União Europeia para atuar eficazmente como uma só voz, a fim de lidar com todos os desafios que esta entidade política pode enfrentar. (VAGIN, 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise dos principais aspectos que culminaram na anexação da Crimeia no ano de 2014 pela Rússia. O histórico dos governos ucranianos, desde a independência do país, mostrou a tentativa de crescimento econômico do mesmo por meio de parcerias e acordos feitos com países e até mesmo com a União Europeia e também com a Rússia. Estes atores buscaram a expansão da sua área de influência no decorrer dos anos, e a Ucrânia não estava fora desse jogo de poder. A Rússia via-se prejudicada por perder o controle do território ucraniano, conforme o discurso de Putin, e não poderia permitir a perda da Ucrânia como parceiro para a União Europeia. Na época da URSS, diversos gasodutos foram construídos e ampliados após a independência da Ucrânia tendo ajuda russa, além da própria Ucrânia depender do gás russo como principal fornecedor dessa fonte energética. Por outro lado, esses gasodutos eram o caminho para o gás natural russo chegar a alguns países da União Europeia.

Enquanto a Ucrânia permanecia alinhada com os interesses russos e cumprindo os acordos com este, a relação entre os três principais atores permanecia estável no âmbito externo. Contudo, no âmbito interno ucraniano, a população encontrava-se dividida entre aqueles que eram favoráveis a adesão da Ucrânia ao Acordo de Associação com a União Europeia – que trazia promessas de crescimento econômico para o país – e a recusa a esse acordo, preferindo manter-se alinhado com a Rússia e prosseguir com a união aduaneira liderada por este.

O xeque-mate ocorreu com a deposição do presidente Yanukovich após várias manifestações na Ucrânia. O posicionamento russo ao fato foi quase imediato com a acolhida do presidente Yanukovich em território russo e também com a condenação do Kremlin em relação as manifestações. Por outro lado a União Europeia e Estados Unidos mostraram apoio ao ocorrido, favorecendo o posicionamento dos manifestantes. Pode-se notar disputa de interesses entre Rússia e União Europeia (apoiada pelos Estados Unidos) sobre o destino do governo ucraniano, buscando beneficiarem-se da situação ao conseguirem um acordo com a Ucrânia.

A Rússia percebeu que, com a deposição de Yanukovich, seria uma questão de tempo para que seus interesses na região fossem ameaçados por meio da facilidade da entrada de produtos da União Europeia entrariam na Rússia, devido a fronteira com a Ucrânia, além da forte ameaça que a presença da OTAN poderia fazer, caso a Ucrânia aderisse a esse bloco no

futuro. A resposta russa foi rápida ao buscar defender os interesses dos russos e russófonos na região, que viam-se ameaçados por projetos de lei e por um governo formado por étnicos ucranianos. Arelado a essa perspectiva, a Rússia viu-se no direito de anexar a Crimeia usando-se do argumento do plebiscito feito na própria Crimeia, que obteve maioria esmagadora. Além disso, deu apoio indireto aos revoltosos das províncias ucranianas de Donetsk e Luhansk, as quais tem um papel importante no setor energético ucraniano. Aqui vale lembrar a importância econômica e principalmente estratégica da Crimeia para o governo russo.

As ações do governo russo para com a Ucrânia não se limitaram a anexação. A mudança nos acordos de fornecimento de gás para a Ucrânia foi fundamental para enfraquecer energeticamente a Ucrânia e também atingir os países europeus que importavam o gás russo. Essa era a resposta russa as sanções impostas pelo Ocidente em relação a anexação da Crimeia. Sanções estas que a União Europeia e os Estados Unidos impuseram de maneira precipitada ao reconhecerem um governo que derrubou um presidente democraticamente eleito na Ucrânia, Yanukovich. (MIELNICZUK, 2014).

Tendo em vista esses acontecimentos, foi analisado que a estratégia de política externa russa em relação a Ucrânia teve três principais frentes, energética-econômica, militar e territorial. A primeira foi a frente energética-econômica envolvendo o setor energético, mais precisamente o gás natural. A dependência ucraniana do gás natural russo foi o ponto explorado pela Rússia, por meio de cortes no fornecimento do gás natural, para tentar evitar que a Ucrânia retomasse as negociações do Acordo de Associação com a União Europeia. Enquanto isso, a Rússia buscava manter o fornecimento de gás para a União Europeia através de outros gasodutos, como o *NordStream*. A segunda frente foi a militar, envolvendo o apoio indireto aos revoltosos na região do Donbass, que geraram instabilidade na região, forçando o governo ucraniano a entrar em conflito na buscar por retomar o controle da região, o que também gera mais gastos econômicos. E a terceira frente é a territorial, que envolveu a anexação da Crimeia buscando um melhor posicionamento estratégico da Rússia na região, inclusive como uma melhor projeção frente a um possível avanço da OTAN na região.

Com isso, pode-se afirmar que a Rússia vem defendendo seus interesses na região atuando ativamente para a manutenção dos mesmos, muito embora alguns analistas afirmem que as sanções do ocidente prejudicarão muito mais a Rússia a médio prazo. Resta saber qual

será a análise dos especialistas sobre os acontecimentos de 2017 na região e o desenrolar dos acontecimentos nos anos seguintes.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. **As Relações entre Rússia, Ucrânia e Belarus e o Papel que nelas exercem os Recursos Energéticos**. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14392/000655166.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 23 dez. 2016.

ALT, Vivian – **Ucrânia: da Revolução Laranja à Crise de 2014**. Disponível em <<http://politike.cartacapital.com.br/ucrania-da-revolucao-laranja-a-crise-de-2014/>>. Acessado em: 18 mar. 2017.

BALMACEDA, Margarita Mercedes - **Gas, oil and the linkages between domestic and foreign policies: the case of Ukraine**. *Europe-Asia Studies*, Vol. 50, Nº 2, 1998.

BBC Brasil – **Rússia e Ucrânia travam ‘duelo cibernético’** <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140307_russia_ucrania_bg>. Acessado em 19 mar. 2017.

_____. **Crimeia Vota Referendo; entenda**. 16 Mar. 2014 <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140316_crimea_entenda_referendo_atualizacao_lgb>. Acessado em: 16 set. 2017

BBC News – **Is Crimea’s referendum legal?** Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-26546133>> Acessado em 16 set. 2017.

BEBLER, Anton – **Crimea and the Russian-Ukrainian Conflict**–*Romanian Journal of European Affairs*, Vol. 15, No. 1, março 2015. Disponível em: <http://rjea.ier.ro/sites/rjea.ier.ro/files/articole/RJEA_2014_vol15_no1_art.3.pdf>. Acessado em 15 abr. 2017.

BLANK, Stephen – **Don’t forget the Balkans** – *Chathamhouse*, 2016. Disponível em: <<https://www.chathamhouse.org/publications/twt/don-t-forget-balkans>>. Acessado em: 12/05/2017.

BLANK, Stephen; KIM, Younkyoo – **Economic Warfare a la Russe: The Energy Weapon and Russian National Security Strategy**. *Journal of East Asian Affairs*. Vol 30. Nº 1. Institute of National Strategy. 2016.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS - **Budapest Memorandums on Security Assurances** - 5 dez. 1994. Disponível em: <<http://www.cfr.org/arms-control/disarmament-and-nonproliferation/budapest-memorandums-security-assurances-1994/p32484>>.

Acesso em: 18 mar. 2017.

COLBY, Elbridge – **The Role of Nuclear Weapons in the U.S.-Russia Relationship**. – Task Force on U.S. toward Russia, Ukraine and Eurasia. Carnegie Endowment for International Peace, 2016. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/2-17-16_Colby_US_Russia_Nuclear_Relations_clean.pdf>. Acesso em 23 ago. 2017.

DEVITT, Polina.; O'FLYNN, Kevin.; OSBORN, Andrew. – **Russia calls U.S. Black Sea Naval patrols potential threat: RIA**. Reuters, 28 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-russia-usa-blacksea-idUSKBN16Z0WD>>. Acesso em 28 mar. 2017.

EMMOTT, Robin. – **NATO and Russia to meet again, edge toward regular talks**. Reuters, 28 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-nato-russia-idUSKBN16Z26C>>. Acesso em 29 mar. 2017.

EUROBUSINESS – **Ukraine not ready to join NATO: Kuchma** – Disponível em: <<http://www.eubusiness.com/europe/ukraine/040614150428.yo1wvz3i>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

LEVADA CENTER - **Reaktsiya Rossiyan na sanktsii**. Disponível em: <<http://www.levada.ru/2014/07/29/reaktsiya-rossiyan-na-sanktsii/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

G1 - **Rússia anuncia interrupção do fornecimento de gás à Ucrânia**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/russia-anuncia-interruptao-do-fornecimento-de-gas-a-ucrania.html>>. Acesso em: 15 jan, 2017

_____. **Rússia suspende fornecimento de gás à Ucrânia por falta de pagamento**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/russia-suspende-fornecimento-de-gas-a-ucrania-por-falta-de-pagamento.html>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____. **Rússia, Ucrânia e União Europeia assinam acordo de gás.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/russia-ucrania-e-uniao-europeia-assinam-acordo-de-gas.html>>. Acessado em 09 abr. 2017.

_____. **Conflito no Leste da Ucrânia deixou quase 2,6 mil mortos** – Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/conflito-no-leste-da-ucrania-deixou-quase-26-mil-mortos.html>>. Acessado em 20 mar. 2017.

_____. **Leia a íntegra do discurso em que Putin reconhece a Crimeia.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimea.html>>. Acessado em 15 abr. 2017.

GURIEV, Sergei – **Putin’s Russia: How it Rose, How it is Maintained, and How it Might End.** American Enterprise Institute, p. 8-22. Washington, DC, 2015.

HENDLER, Bruno – **A Segurança Energética entre Rússia e União Europeia: Interdependência Complexa e Cenários Possíveis.** Revista Conjuntura Austral, V.6 Nº 30 p. 12-32, Porto Alegre, 2015.

HILL, Fiona; JEWETT, Pamela. - **BACK IN THE USSR – Russia’s Intervention in the Internal Affairs of the Former Soviet Republics and the Implications for United States Policy Toward Russia.** 93 f. EthicConflict Project, Strengthening Democratic Institutions Project, John F. Kennedy School of Government, Harvard University, 1994.

KORSUNSKAYA, Darya.; ZVEREV, Anton – **Life under Russia not all it was cracked up to be: Crimeian ex-leader.** Reuters, 27 mar. 2017. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-crimea-chaliy-idUSKBN16Y10R>>. Acessado em 28. Mar. 2017.

KUZIO, Taras- **Everyday Ukrainians and the Orange Revolution.** Em: Revolution in Orange: The Origins of Ukraine's Democratic Breakthrough. Carnegie Endowment for International Peace. 2006.

LARUELLE, Marlene – **Putin’s Regime and the Ideological Market: A Difficult Balancing Game.** Task Force on U.S. Policy Toward Russia, Ukraine, and Eurasia project.

Carnegie Ednowment for International Peace. 2017. Disponível em http://carnegieendowment.org/files/3-10-17_Laruelle_Putins_Regime.pdf>. Acessado em 13 jul. 2017.

MANKOFF, Jeffrey; KUCHINS, Andrew – **Russia, Ukraine, and U.S. Policy Options: A Briefing Memo**. 20 jan 2015. CSIS - Center for Strategic & International Studies, Russia and Eurasia Program.

MARPLES, David. – **Ethnic and Social Composition of Ukraine's Regions and Voting Patterns**. University of Alberta. Ukraine and Russia – People, Politics, Propaganda and Perspectives. E-International Relations Publishing, p.8-17. 2016.

MENOR, Rajan.; RUMER, Eugene – **Conflict in Ukraine – The Unwinding of the Post-Cold War Order**. A Boston Review Book. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press. 2015.

MIELNICZUK, Fabiano – **A Crise Ucraniana e Suas Implicações para as Relações Internacionais**. Revista Conjuntura Austral, Vol. 5, nº 23. 2014.

NOTÍCIAS UOL – **O polêmico processo eleitoral da Ucrânia**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2004/12/25/ult34u113334.jhtm>>. Acessado em: 15 nov 2016.

OFFICIAL JOURNAL OF THE EUROPEAN UNION.- **Association Agreement between the European Union and its Members States of the one part, and Ukraine, of the other part**. 25 mai. 2014. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2016/november/tradoc_155103.pdf>. Acessado em 11 out 2017.

PETRO, Nicolai N. – **Understanding The other Ukraine: Identity and Allegiance in Russophone Ukraine**. Ukraine and Russia – People, Politics, Propaganda and Perspectives. E-International Relations Publishing, p.18-34. 2016

PIFER, Steven – **The Trilateral Process: The United States, Ukraine, Russia and Nuclear Weapons**. Brookings Foreign Policy, Arms Control Series, Paper 6. 2011

PUTIN, Vladimir – **Discursoao Kremlin**, 18 Mar. 2014 <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimeia.html>>. Acessado em 20 mar. 2017.

RIBEIRO, Renata Corrêa – **Assimetria da Política Externa Russa para a Crimeia e Transnístria.**–Belo Horizonte: Revista Conjuntura Internacional, v.13 n.2, pp. 102-10. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/P.1809-6182.2016v13n2p102/10258>>. Acessoem: 05 jul. 2017.

RÜHLE, Michael; GRUBLIAUSKAS, Julijus – **Energy as a Tool of Hybrid Warfare** – Research Divison – NATO Defense College. Roma. 2008. Disponível em <https://www.files.ethz.ch/isn/190791/rp_113.pdf>. Acessoem 20 ago. 2017.

RUTLAND, Peter. – **An Unnecessary War: The Geopolitical Roots of Ukraine Crisis.** Wesleyan University. Ukraine and Russia – People, Politics, Propaganda and Perspectives. E-International Relations Publishing, p.122-33. 2016.

SMITH, Julianne – **A Transatlantic Strategy for Russia.** Task Force White Paper. Carnegie Endowment for International Peace, 2016. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/8-10-16_Smith_Transatlantic_clean.pdf>. Acessoem 25 ago. 2017.

TRENIN, Dmitri – **The Ukraine Crisis And The Resumption of Great-Power Rivality** – Carnegie, Moscow Center: 2014. Moscou, Rússia. Disponível em: <http://carnegieendowment.org/files/ukraine_great_power_rivalry2014.pdf>. Acessoem 05 jul. 2017.

UEHLING, Greta – **Everyday Life After Annexation: The Autonomous Republic of Crimea.** Ukraine and Russia – People, Politics, Propaganda and Perspectives. E-International Relations Publishing, p.57-65. 2016.

U.S ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION - **RUSSIA: International energy data and analysis.** Disponível em:

<<https://www.eia.gov/beta/international/analysis.cfm?iso=RUS>>. Acessoem: 05 ago. 2017

VAGIN, Kostiantyn, V. – **RUSSIAN ENERGY POLICY VIS-A-VIS EUROPE: NATURAL RESOURCES AS A MEANS OF FOREIGN POLICY.** Calhoun Institutional Archive of the Naval Postgraduate School. Monterey, California. 2012.

WORLD BANK – **Informações sobre o PIB da Ucrânia**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=UA>> Acessado em: 27 mar. 2017.

_____. **Crescimento anual do PIB da Ucrânia**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?contextual=default&end=2015&locations=UA&start=1992&view=chart>>. Acessado em 27 mar. 2017.